

EXÍLIO E MORTE SOCIAL

em *Grande sertão: veredas*

Márcio Freire*

Este artigo tem por objetivo estudar os exílios vividos por Zé Bebelo em Grande sertão: veredas. A partir dos desterros é analisada a despersonalização que leva o indivíduo à morte social, causando a perda de representação pública junto à esfera política.

PALAVRAS-CHAVE: Exílio. Morte social. *Grande sertão: veredas*.

Quando a partida para o estrangeiro não é voluntária, mas imposta como banimento, e a estada além-fronteiras, degredo definitivo, a reação diagnosticada [...] inclui-se num longo rol de sintomas [...]. E alinham-se, todos, de forma evidente ou mal dissimulada, como indícios de um mal maior – o mal do exílio.

Maria José de Queiroz

O exílio já se constituiu como clássico na representação literária, e sua representação exemplar, filtrada na condição de personagem, encontra-se em Ulisses, paradigma de exilado. No herói

* Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET MG).

grego, encontramos um *arquétipo* – símbolo fundamental que funciona como matriz para representações em série –, estruturado pela força do mito já cristalizado que resume, em uma forma de representação clássica e bem acabada, recorrente e exemplar, o modelo.

Com suas simbologias e representações, o exílio nos fala de situações, sentimentos e práticas recorrentes ao longo do tempo. É um tema que tem ampla representação geográfica e temporal, presente nas mais diferentes literaturas, estando inscrito ao longo de toda a história institucional, história mítica e literária.

Enquanto manifestação literária, o tema do exílio nunca está só, nunca é representado por si mesmo, uma vez que está sempre atrelado a outros. Esses outros, em grande parte, também já são clássicos na representação literária: as guerras, as disputas políticas, as crises econômicas, as questões religiosas, a intolerância, a viagem e os conflitos étnicos. O exílio é uma experiência primordial que pode ser dirigida a um indivíduo ou a um grupo de indivíduos, a uma comunidade restrita ou mesmo a todo um povo. É sempre uma experiência limite, mediada pela força, opressão ou por qualquer forma de coação sempre de caráter físico e/ou psicológico.

Todo exílio é, até certo ponto, bastante particular, específico de determinada realidade social e política, de determinado momento cultural, de determinado local geográfico e de determinada época. Sabemos, com Denise Rollemberg (1999, p. 23-59), que os estrangeiros, exilados, refugiados e migrantes vivem, de uma maneira ou de outra, essas experiências, sempre restritivas, marcadas pelo desterro, pelo incerto e sempre filtradas pela partida para o distante e/ou desconhecido, pela impossibilidade de retorno, pela perda de representação política, pelo anonimato e pelo adiamento de todas as vontades, de todos os projetos e utopias, da anulação completa do indivíduo.

Em *Grande sertão: veredas*, o exílio pode ser descrito em duas manifestações distintas. A primeira, uma manifestação objetiva, podendo ser chamada de mais clássica e representativa, quando o desterro é direcionado a um indivíduo. A segunda, de caráter mais subjetivo, refere-se à “[...] noção íntima – de auto degredo do mundo, seguido de mergulho no Eu” (QUEIROZ, 1998, p. 31). Dessas duas manifestações, iremos procurar desenvolver somente aquela referente à personagem Zé Bebelo, porque essa, através dos exílios que sofreu, exerce influência direta na estruturação das etapas narrativas e na organização/reorganização hierárquica dos bandos jagunços.

Em um primeiro momento, o exílio é imposto pelo chefe-jagunço Joca Ramiro a Zé Bebelo. Após ter perdido uma grande guerra jagunça, ser preso, levado a julgamento, acusado de ser estrangeiro, de querer mudar o sertão política e culturalmente – “o senhor veio querendo desnortear, desencaminhar os sertanejos de seu costume velho de lei [...]. O senhor não é do sertão. Não é da terra [...]” (ROSA, 1988, p. 243) –, Zé Bebelo é condenado ao desterro, a um exílio indeterminado.

Nesse exemplo, temos um caso de representação do exílio de forma prática, real e direta, no qual o desterro é imposto a um indivíduo, Zé Bebelo. No exílio imposto a ele, encontramos uma motivação política da qual é protagonista e um desterro individual, a punição como forma de ostracismo, como maneira de anulação é imposta a um indivíduo. Aqui, estão presentes, de maneira bem visível, as marcas do exílio político que caracterizam o universo de todos aqueles que vivem esse suplício. Ele é fruto de uma situação de exceção, a guerra; estão presentes as disputas políticas, a violência física e psicológica; temos a partida, geralmente para um lugar incerto e a incerteza quanto ao futuro. Por fim, temos a viagem e o vagar sem rumo, sem fim, indeterminado, marca elementar de todo desterrado.

* * *

Após ser preso, Zé Bebelo é levado a julgamento e acusado de querer mudar a política do sertão, alterar os costumes e valores do homem sertanejo. O homem do sertão tem seu norte bem definido. O sertão tem seu “velho costume de lei” (ROSA, 1988, p. 243), suas regras, sua prática política, seus dirigentes, seus princípios definidos, seu *status quo* estabelecido. Logo, Zé Bebelo é acusado de ser estrangeiro, estranho ao sertão, não ter raízes sertanejas, não conhecer o homem do meio, sua cultura, suas leis: “o senhor não é do sertão. Não é da terra” (ROSA, 1988, p. 243). Com essas acusações, é recusado a Zé Bebelo um pertencimento ao meio e, simultaneamente, uma identidade, justamente aquilo que ele busca construir.

Quando é acusado de ser estrangeiro, de não conhecer o sertão, colocam-se em disputa, no julgamento, direta e indiretamente, as amplas identidades do ser-jagunço; é a condição jagunça que está em jogo, é a identidade e o *modus vivendi* desses homens que estão em julgamento. O julgamento é prática puramente política e termina por não ser simplesmente o julgamento de Zé Bebelo, mas sim o julgamento dos grandes chefes, de suas identidades, de suas legitimações, do passado, presente e futuro do ser-jagunço, da política praticada por esses homens no sertão, de seu “costume velho de lei”.

Para Zé Bebelo, o julgamento é uma prova de fogo, um rito de passagem, uma forma de reconhecimento e legitimação, mas também a oportunidade esperada para colocar em prática suas idéias e seus ideais de

legitimar publicamente sua identidade, de fazer-se conhecer e confrontá-los: é uma forma de afirmação; para os grandes chefes, não deixa de ser, também, a busca de uma forma de legitimação, de afirmação de força e poder, de manutenção, presente e inalterada, da forma de governo vigente, suas leis e seus princípios: “Sô Candelário, que agora não se apeava, vinha exclamando: - ‘*Julgamento! É isso! Têm de saber quem é que manda, quem é que pode!*’” (ROSA, 1988, p. 239).

Depois de ser feito prisioneiro e receber julgamento, Zé Bebelo é condenado ao desterro, condenado a um exílio de duração indeterminada: “[...] *ir-se embora para Goiás [...] até enquanto eu vivo for, ou não der contra ordem... [...]*” (ROSA, 1988, p. 262-263). Essa maneira particularíssima de marcar o tempo de duração do desterro, somente reforça a confirmação das particularidades/instabilidades das leis jagunças se atentarmos para a afirmação de Maria José de Queiroz, quando esta diz que as normas do exílio, através de seu vocabulário, informam “sobre a instabilidade das leis e do direito, sobre a violência política e sobre a ambigüidade dos sentimentos humanos” (QUEIROZ, 1998, p. 20). Definição perfeitamente aplicável às normas de conduta que vigoram no sertão rosiano. Isso faz com que a pena aplicada a Zé Bebelo esteja, perfeitamente, de acordo com os objetivos buscados pelos grandes chefes, ou seja, a anulação de uma ameaça para suas formas de vida, para suas formas de governo, uma vez que o degredo anunciava, para um futuro próximo, *ordem e progresso* em um sertão de “mil-e-tantas misérias” (ROSA, 1988, p. 14), de mil-e-tantas desordens.

Condenado e desterrado, proibido de viver na “terra”, Zé Bebelo parte para um exílio de duração indeterminada. Experimentará mais um estágio imposto a todos aqueles que vivem o suplício maior do banimento, do desterro, do exílio: a partida, a viagem para um lugar distante e incerto, sem dia e sem noite: “se foi. *Saiu em marcha de estrada*, sem olhar para

trás, o sol na beira [...]. *Para ele, de agora, não tem dia nem noite: vai seu rumo, fazendo a viagem[...]*” (ROSA, 1988, p. 265).

Na fala de Riobaldo, destacada acima no final desse último parágrafo, Zé Bebelo vivenciará, por meio de um estado de completa incerteza – “não tem dia nem noite” –, o estágio mais marcante e característico de todo o universo que envolve as questões referentes ao desterro, ao banimento, ao exílio. Suplício vivenciado pelas mais diferentes personagens, individuais ou coletivas: a partida para o novo, para o desconhecido, a impossibilidade de retorno e a incerteza quanto ao futuro. Partida para outro lugar, para um tempo incerto e desconhecido. Viagem que tem o travo amargo do fracasso, da partida daquele que deixa tudo para trás: sua condição social, suas utopias e projetos políticos, sua identidade, seu lugar de representação social. Com o exílio, o herói está morto.

Zé Bebelo deixa de existir socialmente, uma vez que se encontra despojado dos adereços próprios que legitimavam a sua condição: a imersão social, a identidade constituída, a participação política. Sem representação social ou política, perde todos os requisitos que o qualificam a exercer um papel político e estar representado na vida pública. Com o exílio a personagem perde sua identidade primeira, deixando de existir sócio-politicamente, graças ao afastamento e à despersonalização causados pelo desterro, uma vez que este “rompe com o movimento que constrói o homem a partir de seus projetos e ilusões, renovando, permanentemente, na convivência com os outros [...], rompe com o conforto da relação na qual o homem é reconhecido” (ROLLEMBERG, 1999, p. 25). O degredo se coloca justamente no momento em que ele se expõe ao confronto, momento no qual sua alteridade passa a ser reconhecida no meio jagunço e sua identidade passa a ser construída. É esse o processo que o exílio interromperá.

Essas experiências vividas pela personagem constituem características e traços comuns a todos os exilados. Seu desterro, em comum com outras formas e práticas de exílios, é “*fruto da exclusão, da negação, da dominação, da anulação, da intolerância*” (ROLLEMBERG, 1999, p. 24) que governos ou autoridades impõem a indivíduos ou a comunidades. O exílio exerce aqui sua função histórica de “*afastar/excluir/eliminar grupos ou indivíduos que, manifestando opiniões contrárias ao ‘status quo’, lutam para alterá-lo*” (ROLLEMBERG, 1999, p. 25).

Com o gesto político de Joca Ramiro, Zé Bebelo é “anulado”, “eliminado”, morto política e socialmente como herói portador e representativo de outro papel ideológico para o sertão ao ser afastado, “excluído”, pelo exílio, por manifestar opiniões contrárias ao *status quo* vigente, que dá sustentação a esses homens, a esse estado de coisas.

O exílio é, também, a afirmação de suas resistências a esse *status quo* e de sua insistência na viabilização de seus princípios políticos, dizendo um não à realidade que impera no sertão, realidade onde e contra a qual foram forjados seus projetos. O desterro, nesse caso, constitui-se, simultaneamente, a rejeição e a derrota de seus projetos políticos para o sertão.

É significativo, também com relação ao julgamento, como a morte ocupa um lugar central e limite para as mais diferentes formas de mediação não somente em *Grande sertão: veredas*, mas em todo o sertão rosiano. De maneira particularíssima, Joca Ramiro, através de um magnífico e extraordinário dédalo de vida e morte, de ostracismo e renascimento, de força e abandono, sela o destino de Zé Bebelo, sua imersão social e política e seu retorno ao sertão, à sua própria morte física, a seu destino pessoal e a seu futuro na jagunçagem: “*ir-se embora para Goiás [...] até enquanto eu vivo for, ou não der contra ordem [...]*” (ROSA, 1988, p. 262). Com o exílio o herói está, socialmente, morto e *seu renascimento*,

também político, *está diretamente ligado à representação política que dá sustentação ao status quo vigente, atrelada à figura de Joca Ramiro, que Zé Bebelo tentou combater*. É dessa maneira, quando o chefe maior não mais estiver presente, após sua morte, que ele inscreverá seu espetacular retorno à jagunçagem e à narrativa.

Neste capítulo, o que chamamos de *morte social* é a maneira de caracterizar a despersonalização do indivíduo, própria da perda de representação política, de imersão social, de afirmação de sua identidade causadas pelo exílio. É justamente a perda desses valores que causará a despersonalização, sendo esta uma forma de morte para o indivíduo. Nesse caso em estudo, trata-se da morte do herói Zé Bebelo como homem público, como grande chefe, como personagem portadora e representativa de uma identidade outra para o sertão, trata-se da anulação completa do indivíduo.

A morte de Joca Ramiro põe fim ao exílio de Zé Bebelo e essa equação, morte de Joca Ramiro/fim de exílio para Zé Bebelo, desencadeará uma nova etapa na seqüência narrativa quando Zé Bebelo deixar para trás um exílio indeterminado, saindo diretamente do anonimato para a chefia dos bandos jagunços, percorrendo o caminho do ostracismo absoluto ao primeiro plano da cena pública, assumindo o lugar mais alto da hierarquia na representação sócio-política do meio. Equação que na verdade é expressa pela fórmula *morte* de Joca Ramiro/*re-nascimento* social e político de Zé Bebelo *Vaz Ramiro*.

Zé Bebelo viverá, no *Grande sertão*, o segundo exílio quando é destituído da chefia por Riobaldo e termina por exilar-se, aparentemente

e somente aparentemente, de maneira voluntária, uma vez que “para o exilado, a ruptura da ancoragem narcísica se faz em um conflito violento (ao menos internamente), sobretudo para quem outrora tinha um papel social reconhecido” (ROLLEMBERG, 1999, p. 25), exercia uma atividade política substancial, bem definida, de grande chefegunção.

A ruptura entre Zé Bebelo e Riobaldo dar-se-á, de maneira progressiva, até atingir o clímax: “*Tenho de chefiar [...] ali, era a hora. E eu frentemente endireitei com Zé Bebelo, com ele de barba a barba [...]. Ao então, era um sangue com sangues, o etcétera que fosse.* Eu não aceitava muita pelagem” (ROSA, 1988, p. 407-408) –, não sem um certo enfrentamento direto e simbólico, porque nesse momento Zé Bebelo desempenha um papel sócio-político bem definido, reconhecido por ele e pelos membros do bando. Com o afastamento, ele “perde o espelho múltiplo a partir do qual criava e nutria sua própria imagem” (ROLLEMBERG, 1999, p. 25), a de herói civilizador.

Após esse enfrentamento, definitivamente, Zé Bebelo encontrar-se-á afastado do universo da jagunçagem. Ciente de sua condição e reconhecendo os valores de Riobaldo para exercer as funções capitais – “- ‘A rente, Riobaldo! *Tu o chefe, chefe, é: tu o chefe fica sendo... Ao que vale!... [...] Você é outro homem, você revira o sertão... Tu é terrível, que nem Urutu Branco [...]*” (ROSA, 1988, p. 408-409) –, cede passivamente e sem resistência a este a chefia do bando. Essa situação revela, para Zé Bebelo, e devido à posição sócio-política que ocupava, sem deixar de ser um castigo, uma punição, o exílio como possibilidade, uma vez que a resistência interna é impossível.

Em sua rigidez, a hierarquia dessa organização jagunça resulta horizontal e não há, em sua estrutura, uma forma de refluxo para os grandes chefes após assumirem o cume da organização, após “ser primeiro”.

Destituído, Zé Bebelo deixará para sempre a jagunçagem: “tenho de tanger urubu, no m’embora. *Sei não ser terceiro, nem segundo. Minha fama de jagunço deu o final*” (ROSA, 1988, p. 409). Indo embora, irá vivenciar seu segundo exílio, onde “tudo estava sendo repetido” (ROSA, 1988, p. 409), como da primeira vez: recebe, novamente, cavalo selado, cargueiro, mantimentos e munição para fazer a viagem – “dali a hora, mesmo, ele pegou caminho. Para o sul” (ROSA, 1988, p. 409).

Mais uma vez, destituído dos atributos simbólicos que o legitimam sócio-politicamente e somando a isso a futura despersonalização e o anonimato causados por esse afastamento, o herói está morto; o grande chefe-jagunço, Zé Bebelo Vaz Ramiro, não existe mais, “tinha de todo desaparecido” (ROSA, 1988, p. 438) da cena pública, *estando para o meio social e político, morto*. Mais uma vez, fica claro o “regime peculiar ao livro” (PASTA JÚNIOR, 1999, p. 68), o qual estamos enfatizando, “o da formação (dos grandes chefes-jagunços) como supressão” (Pasta Júnior, 1999, p. 68), formação sempre mediada pela lei de morte, na qual um chefe assume as funções capitais após a deposição de outro, encontrando nesse momento ilustração perfeita no par formação de Riobaldo, grande chefe Urutu Branco/supressão de Zé Bebelo Vaz Ramiro.

Após o enfrentamento entre os dois, prova de fogo para ambos e mais um dos *ritos de passagem* para Riobaldo, este assume a chefia e recebe outro nome, “era um *nome de rebatismo*” (ROSA, 1988, p. 409), Urutu Branco, e anuncia – reafirmando a tese de que em *Grande sertão: veredas* a sucessão passa pelas mortes dos chefes e de que todo chefe que assume deflagra uma nova seqüência organizacional para os bandos e uma alteração nas etapas narrativas – novo salto narrativo para a jagunçagem no sertão, um novo início: “*Zé Bebelo ia s’embora, conseguidamente. Agora, o tempo de todas as doideras estava bicho livre para principiar*” (ROSA, 1988, p. 409).

* * *

Os símbolos de morte/renascimento – expressos através desse “a limpo de meus tristes passados”, do gesto da viagem, e do batismo – são abundantes nessa cena em que se caracteriza a troca de chefia, realizada sob a relativização de um rito de passagem. Ao assumir a chefia, sendo esta precedida pelo pacto – “Mas *eu tinha conseguido encher em mim causas enormes* [...]. Somente quis, nem podia dizer aos outros o que queria, somente então uns versos dei [...] Hei-de às armas, *fechei trato nas Veredas com o Cão*” (ROSA, 1988, p. 433) –, e receber novo nome, Riobaldo renasce como chefe dotado de poderes ilimitados e senhor geográfico do sertão: “*aí eu mandava, aí eu estava livre, a limpo de meus tristes passados. Aí eu desfechava. Sinal como que me dessem essas terras todas dos Gerais, pertencentes [...] À fê, quando eu mandasse uma coisa, ah, então tinha de se cumprir, de qualquer jeito*” (ROSA, 1988, p. 410).

É dessa maneira, senhor de si, detentor de “tantos braços e tantos rifles e coragens” (ROSA, 1988, p. 410), que o chefe Urutu Branco parte para “a primeira *viagem* saída, da nova jagunçagem” (ROSA, 1988, p. 410). Jagunçagem essa que terá como objetivo máximo dar cabo do “príncipe das tantas maldades” (ROSA, 1988, p. 191), o chefe-jagunço Hermógenes.

* * *

É preciso medir o estrago, a anulação pública e mais íntima possível – a violência da ruptura estabelecida com os vínculos que ligam os homens a um mundo substancioso: social, afetivo, cultural e político

– do indivíduo, causados pelo afastamento e pela despersonalização próprias do desterro. O grande chefe-jagunço Zé Bebelo experimentou, por duas vezes, *a morte social*. Os exílios representaram para ele a derrota de um projeto político, pessoal e coletivo que lhe conferia uma identidade original de elemento renovador, de “herói civilizador” no *Grande sertão*. Como o desenraizamento do mundo conhecido, provocado pelo afastamento do meio, terminou por abandonar seus projetos, suas utopias, a sua identidade primeira como grande chefe-jagunço diferenciado: “não queria saber do sertão, agora ia para capital, grande cidade” (ROSA, 1988, p. 566). Nesse caso, o desterro representou seu papel clássico e histórico de anular e despersonalizar completamente o indivíduo. Apesar da banalidade das palavras, o narrador acerta em cheio na sua parca descrição ao resumir toda uma vida que, no entanto, poderia servir para a caracterização de personagens históricos de nossa política que sofreram do mesmo mal, de resto ainda entre nós: “Zé Bebelo quis ser político, mas teve e não teve sorte: *raposa que demorou*” (ROSA, 1988, p. 16).

Exile and social death in *The devil to pay in the backlands*

Márcio Freire

*This article focuses on the study of the exiles experienced by Zé Bebelo in *The devil to pay in the backlands*. It also analyses banishment as a major cause of depersonalization leading to social death and resulting in the loss of public representation.*

KEY WORDS: *Exile. Social death. The devil to pay in the backlands.*

REFERÊNCIAS

PASTA JR., José Antônio. O romance de Rosa: temas do Grande sertão e do Brasil. **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 55, p. 61-70, nov. 1999.

ROLLEMBERG, Denise. **Exílio**: Entre raízes e radares. Rio de Janeiro: Record, 1999.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

QUEIROZ, Maria José de. **Os males da ausência ou a literatura do exílio**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.